**UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI**

**FACULDADE INTERDISCIPLINAR DE HUMANIDADES**

**CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**A PEDAGOGIA NO CONTEXTO HOSPITALAR**

**Dalila de Fátima da Silva**

**Kalily Mariane Silva de Oliveira**

**Diamantina**

**Agosto de 2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI**

**FACULDADE INTERDISCIPLINAR DE HUMANIDADES**

**CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**A PEDAGOGIA NO CONTEXTO HOSPITALAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade Federal dos Vales de Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob orientação da profª. Denise da Silva Braga.

**Diamantina**

**Agosto de 2016**

**SUMÁRIO**

**1. INTRODUÇÃO..............................................................................................07**

**2. METODOLOGIA............................................................................................09**

**3. A pedagogia hospitalar no Brasil...............................................................09**

3.1. A ampliação do campo do pedagogo.....................................................11

3.2. Breve histórico sobre o surgimento da pedagogia hospitalar.................14

3.3. Formação do Pedagogo e sua importância no ambiente ......................18

3.4. A contribuição do lúdico no processo de aprendizagem........................20

**4. CONSIDERAÇÕES FINAIS......................................................................... 22**

**REFERÊNCIAS............................................................................................ 24**

**RESUMO**

Nesta pesquisa abordamos a importância da inclusão educacional para crianças e adolescentes que necessitam de atendimento hospitalar e o trabalho do pedagogo neste contexto. Para isso, trataremos do surgimento da pedagogia hospitalar, dos aspectos legais relacionados às questões que dizem respeito ao papel do pedagogo e da educação no contexto hospitalar. Para tanto realizamos uma pesquisa bibliográfica com a qual buscamos apresentar a pedagogia hospitalar e a atuação do pedagogo nesse ambiente como uma modalidade de atuação do profissional graduado no curso de licenciatura em Pedagogia. A partir da pesquisa realizada, consideramos que, mesmo em um hospital, o trabalho do pedagogo pode favorecer à criança ou adolescente internado, dando a oportunidade de continuar seus estudos na escola regular. Assim apontamos a importância do pedagogo e das suas atividades pedagógicas no processo de restabelecimento da saúde do aluno/paciente.

**Palavras- chave**: Educação; Pedagogia; Pedagogia Hospitalar.

**ABSTRACT**

In this research we discuss the importance of educational inclusion for children and adolescents in need of inpatient and the pedagogue's work in this context. For that, we do rise of hospital pedagogy, the legal aspects concerning issues related to the role of the educator and education without hospitals. To this end we conduct a literature search the allowed us to submit a hospital pedagogy and pedagogue in this environment as a mode of action of this professional. We believe even in a hospital, the teacher may favor much work a child or teenager admitted, giving a there are continuing their studies without being harmed in regular school, demonstrating the importance their Activities and educational knowledge development teaching and student/patient recovery.

**Words- keys**: Education; Pedagogy ; Education Hospital.

**1.INTRODUÇÃO**

A Pedagogia tem se tornado relevante em vários contextos sociais nos quais a educação se faz presente. As instituições de ensino formal e não-formal tem evidenciado a necessidade dos profissionais desta área habilitados a conduzir o processo educativo de crianças e adolescentes. Desta forma, podemos observar que o campo de atuação do pedagogo tem se expandido na nossa sociedade, à medida que é evidenciada a necessidade de adotar novas medidas e posturas educacionais para trabalhar demandas diversificadas que tem se apresentado na atualidade.

Percebemos, a partir das nossas observações e leituras, que tem se ampliado, de forma significativa, o campo de atuação do pedagogo. A pedagogia hospitalar é uma dessas modalidades que vem afirmando a importância da educação e do pedagogo também no ambiente não escolar.

O atendimento pedagógico no contexto hospitalar é reconhecido pela legislação brasileira, a qual afirma o direito das crianças e adolescentes que se encontram hospitalizados a darem continuidade aos seus estudos. O papel do pedagogo no contexto hospitalar é levar o atendimento pedagógico-educacional, levando em consideração as condições especiais de saúde de cada um. Deve buscar, também, parceria com os familiares que exercem papel prioritário como figura de apoio e cooperação, no sucesso do ensino e da aprendizagem, assim como no restabelecimento da saúde.

O ambiente hospitalar além de ser um centro de referência relacionado à saúde traz em sua bagagem a dor, o sofrimento, a frustração e, muitas vezes, a morte. Mas, mesmo neste ambiente, pode-se também construir um processo de aprendizagem.

O presente trabalho de conclusão de curso dedica-se a temática da importância e o papel do pedagogo em um contexto no qual os educandos se encontram em situação de enfermidade e tratamento hospitalar.

Como objetivo geral desta pesquisa tem-se o propósito de analisar, por meio de uma pesquisa bibliográfica, a função da pedagogia e a atuação profissional do pedagogo no contexto hospitalar.

Com relação aos objetivos específicos temos:

* Discutir sobre os aspectos históricos da pedagogia no contexto hospitalar;
* Analisar a relevância do pedagogo e da pedagogia no contexto educacional/hospitalar.
* Verificar a atuação desses profissionais no contexto hospitalar.

E, com o fim de se alcançar os objetivos acima, busca-se, na pesquisa realizada, responder o seguinte questionamento: qual o papel da pedagogia e do pedagogo no contexto hospitalar?

A busca por responder estes questionamentos justifica-se pela importância que a pedagogia e o pedagogo têm assumido mediante os processos educativos. O pedagogo, que anteriormente tinha seu campo de ação nas instituições educacionais tradicionais (escola, creche, faculdades), na atualidade tem sua presença marcante e necessária, também, em espaços não escolares como: indústrias, comércios e hospitais.

O nosso interesse em abordar o referente tema surgiu durante o curso de graduação em Humanidades pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), quando começamos a cursar disciplinas referente à área de pedagogia. Ao analisar o nosso perfil como Bacharéis em Humanidades e como futuras pedagogas, verificamos que a pedagogia no contexto hospitalar está inter-relacionada ao processo de humanização, que está muito bem articulado ao perfil de um estudante das Ciências Humanas.

Deste modo o conteúdo explorado nesta pesquisa se torna relevante uma vez que o tema citado amplia o campo de atuação do pedagogo, para além dos limites escolares, exigindo assim melhor formação.

**2. METODOLOGIA**

A metodologia utilizada nesse estudo foi a investigação bibliográfica, a qual nos permitiu compreender e aprofundar os nossos conhecimentos sobre o tema. A pesquisa bibliográfica é baseada nos conhecimentos de biblioteconomia, documentação e bibliografia; sua intenção é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e escreveu a respeito do seu tema de pesquisa.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de consentir ao investigador uma diversidade de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia estudar diretamente. Esta vantagem se torna importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

A questão negativa deste método é porque muitas vezes são descobertos dados equivocados, ou acionados erroneamente. Por esse motivo é necessário que o pesquisador seja cauteloso para não confiar em informações erradas e sempre buscar o máximo número de fontes possíveis.

**3. A PEDAGOGIA HOSPITALAR NO BRASIL**

Segundo Brandão (1988), podemos afirmar que não encontramos um único significado para esclarecer ou determinar o que é educação. A educação é algo abrangente e não existe um único modelo de educação, a escola não é o único lugar onde se prevalece a educação.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 1988, p. 7).

É preciso entender o apropriado sentido da educação e o papel que esta exerce em nossa sociedade atual. Não podemos aceitar o fato de que a educação só existe na escola formal, à medida que ela está presente em todas as nossas ações, na nossa vivência e na experiência de cada um.

Com relação à pedagogia compreende-se-a como uma das ciências que estuda a educação como uma prática complexa e multidiferencial. Tal característica aponta para as grandes possibilidades e presença da pedagogia e do pedagogo em qualquer lugar ou circunstância na qual o processo ensino-aprendizagem se faz presente (FONSECA, 2013, p. 09). Ou seja, a educação não está restrita somente ao ambiente escolar. A educação se faz necessária em todos os contextos sociais, assim como a presença do pedagogo.

Conforme Libâneo (2001), estamos em um tempo em que as práticas sociais estão cada vez mais pedagógicas, ocorrendo nos mais diversos campos das relações sociais, mediante as modalidades de educação formal, não-formal e informal e proporcionando uma enorme produção e dispersão de saberes e modos de ação (conhecimentos, conceitos, habilidades, atitudes, entre outras) que colaboram para a chamada sociedade do conhecimento. Desta forma, a ação pedagógica perpassa toda a sociedade, excedendo o âmbito escolar formal e abrangendo a educação não formal e informal na sociedade.

Portanto, se procurarmos pensar um pouco mais sobre essas ações pedagógicas variadas que envolvem toda a sociedade, podemos afirmar que, atualmente, pensar a formação do pedagogo apenas como um profissional do campo escolar é pensar de forma reducionista, uma vez que essa formação deve contemplar as mais diversas práticas educativas. Assim, segundo Libâneo:

Quem, então, pode ser chamado de pedagogo? O pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista o objetivo de formação humana previamente definida em sua contextualização histórica (LIBÂNEO, 2001, p.11).

O objeto de estudo da pedagogia mostra um campo próprio de investigação. Ela estuda não somente as práticas educativas, mas também explica as finalidades e objetivos sociopolíticos, elaborando formas de intervenção pedagógica para a educação nos vários níveis e realidades humanas. Portanto, o pedagogo pode atuar em várias instâncias da prática educativa, participando dos processos de aquisição de saberes e modos de ação na formação humana (AROSA, 2007 p. 37).

A pedagogia tem surgido como aliada para os educadores que tem por objetivo desenvolver um trabalho humanizado, auxiliando as crianças/e adolescentes, proporcionando conhecimento e qualidade de vida aos mesmos.

**3.1 A ampliação do campo do pedagogo**

Podemos avaliar as mudanças ocorridas na formação do pedagogo na sociedade atual, a qual tem se expandido categoricamente, atingindo assim uma ampliação no processo educativo que tem ultrapassado os perímetros da escola.

Deste modo os profissionais da educação podem também atuar nos sistemas macro, intermediário ou micro de ensino (gestores, supervisores, administradores, planejadores de políticas educacionais, pesquisadores ou outros); nas escolas, nas instâncias educativas em empresas, órgãos públicos, movimentos sociais, meios de comunicação entre outros. Estes espaços, não vistos tradicionalmente em relação direta com o processo educativo escolar, evidenciam uma emergente demanda por profissionais ligados à educação e que tenham uma ampla percepção sobre aquele processo de educar que se faz presente para além dos muros da instituição escolar formal (AROSA, 2007, p. 41).

A pedagogia escolar tem o olhar voltado para o processo educativo de ensino-aprendizagem nas instituições de ensino formal, que são as escolas onde o processo ensino-aprendizagem é voltado para o currículo, ainda que complementado por atividades extracurriculares e transversalidade de tema, voltado para a formação educativa do cidadão e do ser humano produtivo ao mundo do trabalho (REZENDE, 2011 p.32).

No entanto, a pedagogia não se fixa apenas no âmbito escolar. Atualmente, o papel do pedagogo envolve outros ambientes de educação informal. A pedagogia não escolar tem o olhar voltado para os processos educativos de ensino-aprendizagem. Nestes casos, o pedagogo tem um papel de assessoria e consultoria, que acontece através do atendimento clínico individual ou em grupo. Esses atendimentos, além de serem coletivos, podem ser intercalados entre alunos, pais, ou família de uma forma geral. A pedagogia não escolar auxilia no desenvolvimento da família, comunidade, nas organizações, nas relações religiosas, enfim, na vida sócio comunitária (AROSA, 2007, p. 52).

A pedagogia social, em suas diferenciadas situações, nos mostra outro tipo de pedagogia que ainda é desconhecida por algumas pessoas da nossa sociedade e que ultrapassa os muros das escolas. O educador precisa estar atento para ser capaz de explorar as alternativas de educação nos espaços não escolares (PAIVA, 2011 p. 43). Por essa razão o pedagogo precisa estar habilitado profissionalmente para trabalhar a educação nos seus vários contextos e modalidades. Uma vez que as oportunidades de trabalhar a educação vêm se transformando ao longo do tempo, se faz necessário que o profissional desta área esteja atento às mudanças e sempre em conexão com as informações educacionais.

Estes espaços não escolares visam incluir socialmente a todos que a educação formal não alcança, tais como a população indígena, os quilombolas, a população rural, as mulheres, as crianças, os adolescentes, os idosos, os presidiários, a população de rua e os portadores de necessidades educacionais especiais (LIBÂNEO, 2012, p. 11). Essa ramificação da pedagogia traz a visão dos significados sociais que grupos diversos manifestam por meio de oportunidades repletas de possibilidades e que as práticas de educação não formal oferecem para a construção da identidade, recuperação da autoestima, preparação profissional e conscientização política e social.

Nesta perspectiva, a pedagogia no contexto hospitalar, se torna de suma importância para a sociedade, pois acrescenta benefícios para a sociedade como um todo. Além disso, permite explorar outros cenários que possibilitam a educação constitui-se como direito para os sujeitos, em um encontro com os outros e com o mundo, sem deixar perder de vista sua temporalidade, a sua necessária vinculação institucional sob a responsabilidade do Estado (AROSA, 2007, p. 21).

Com relação ao que Arosa (2007) afirma, podemos perceber que, a partir desse ponto levantado por ele, surge a importância da pedagogia hospitalar na vida das crianças, como um segmento de continuidade do conhecimento.

Nos hospitais, o pedagogo auxilia o processo educacional das crianças e adolescentes internados, estimulando a aprendizagem e promovendo momentos de diversão, entretenimento e outras formas de apoio emocional (REZENDE, 2011 p. 48).O pedagogo faz a mediação entre o hospital e a escola, auxiliando os dois ambientes nas necessárias adaptações para que o sujeito possa dar continuidade ao seu desenvolvimento educativo, na situação específica demandada pela sua condição. (AROSA, 2007, p. 32). É necessário, portanto, que o pedagogo conheça as especificidades de cada criança. Para assim poder desenvolver um trabalho de qualidade segundo as necessidades que cada uma apresenta.

A pedagogia hospitalar é uma modalidade de ensino da educação especial que visa à ação integrada do educador no ambiente hospitalar, que possibilite que a doença não seja diagnosticada como um fator de descontinuidade ao processo educacional na formação da criança ou adolescente (FONSECA, 2013 p. 16). Esta pedagogia traz possibilidade de ensinar, dando uma chance a mais às crianças afastadas da rotina escolar por motivos de saúde.

Portanto, as leis que asseguram a educação em contexto hospitalar têm por finalidade legitimar o direito à educação, uma vez que o desempenho das crianças e adolescentes, bem como o seu aprendizado não pode parar em virtude de uma internação. Mas, infelizmente, observamos que apesar de ser um direito reconhecido oficialmente, ainda é ignorado por uma ampla parte da população.

**3.2 Breve histórico do surgimento da pedagogia hospitalar**

Segundo Esteves (2008) por consequência da segunda Guerra Mundial, várias crianças e adolescentes foram feridas e mutiladas e, por esse motivo, permaneceram em hospitais por longos períodos. Diante dessa triste realidade, surgiu a classe hospitalar, em 1935, em Paris, criada por Henri Sellier, prefeito de Suresnes, com o objetivo de tentar amenizar as tristes consequências da guerra, dando oportunidade a essas crianças de prosseguir em seus estudos ali mesmo no hospital. E, com o incentivo de médicos, religiosos e voluntários, a classe hospitalar foi conquistando um espaço na sociedade, sendo expandida para vários países.

As classes hospitalares surgiram a partir das necessidades emergenciais, apresentadas e obtiveram o apoio por parte de vários voluntários, empenhados em ajudar a si mesmos e ao próximo.

Fonseca (1999) aponta que no Brasil, a classe hospitalar surgiu na cidade do Rio de Janeiro, na década de 1950, no Hospital Menino Jesus, que permanece atuando com a modalidade de atendimento educacional até nos dias de hoje. Ainda na mesma década de 1950, surgiu a primeira classe hospitalar em São Paulo, no Hospital Santa Casa de Misericórdia. Estes primeiros atendimentos pedagógicos hospitalares não dispunham de uma sala ou espaço específico, por isso, eram realizados na própria enfermaria, ou seja, no leito dos pacientes, no hospital.

Em 1960, após dez anos do início deste trabalho, o número de professores era de apenas quatro, sendo que esses professores não possuíam nenhum vínculo com a secretaria de educação do estado. No ano de 1974, o hospital contava com quatro salas de aula da classe hospitalar (FONSECA ,1999, p.119).

Desde então, o atendimento pedagógico hospitalar vem crescendo. Por volta de 1970, a assistente social Silvana Mariniello, apresentou ao Ministério da Educação diversos projetos para a regularização da classe hospitalar, sem obter sucesso. Somente em 1997, o serviço social de assistência a pacientes internados e o departamento de pediatria da faculdade de medicina entraram com um pedido na secretaria de educação para a criação do Projeto Classe Hospitalar (LIMA,2003, p.129-148).

As pioneiras no trabalho educacional hospitalar enfrentaram várias dificuldades. Essas dificuldades ocorriam em todas as regiões, independentemente da localidade, o que é muito comum acontecer quando as pessoas trazem algo novo para determinada área. Essas professoras e voluntários eram criticadas e mal vistas pela sociedade. Mas, aos poucos, as classes hospitalares ganharam espaço e reconhecimento em vários hospitais (FONSECA, 2013, p. 27).

Atualmente, a pedagogia hospitalar - como processo pedagógico - é uma realidade no vasto leque de atuação do pedagogo na sociedade contemporânea. Em muitos casos funciona em parceria entre hospital e faculdades, através dos estagiários e da instituição escolar onde o paciente estuda, preservando a continuidade do desenvolvimento da aprendizagem através de metodologias diferenciadas, flexíveis e vigilantes que respeitem o quadro clínico (REZENDE, 2011, p. 55).

Após um longo caminho percorrido, podemos ver a pedagogia hospitalar como um firme alicerce para as crianças e adolescentes que estão em situação de internamento ou convalescimento. E, por este fundamento, estes pacientes da estrutura hospitalar podem dar continuidade ao processo ensino-aprendizagem sem perder de vista o status de educando (FONSECA, 2013, p. 43). É confortante saber que as crianças/adolescentes tem o direito de continuarem estudando mesmo no período em que estiverem afastadas da escola por motivo de doença, o que torna essa prática ainda mais importante.

Segundo a política do Ministério da Educação (MEC), classe hospitalar é um ambiente hospitalar que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados, que necessitam de educação especial e que estejam em tratamento hospitalar (MEC, 2002). Por este motivo fica em relevo o compromisso educacional da classe hospitalar.

Conforme Matos e Muggiati (2001), na atual conjuntura da valorização dos direitos individuais, é preciso oferecer à criança hospitalizada ou em longo tratamento hospitalar, a valorização de seus direitos à educação e à saúde, como também ao espaço que lhe é devido enquanto cidadão do amanhã. Nesse contexto, a pedagogia hospitalar deve buscar subsídios e mudanças para a realização dessa tarefa. O pedagogo hospitalar deve estar apto para mediar construção do conhecimento.

Esse profissional deve ser afetivo, comunicativo, tolerante, devendo ser rico em valores humanos e consciente da sua função de docente no contexto hospitalar. É necessário que haja um novo perfil de educador que tenha clareza que a educação não é exclusivamente da escola, nem a saúde-doença um elemento exclusivo do hospital (CASTRO, 2009, p. 28).

Conforme o Ministério da Educação (MEC, 2002), a Legislação brasileira através da Constituição Federal de 1988, na Lei n°1.044/69, Lei n°. 6.202/75, Lei n°. 8.069/90 Estatuto da Criança e Adolescente, da Resolução n°. 9394/96; a Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional, na Resolução n°.02/01, do Conselho Nacional de Educação, apontam para a necessidade da denominada Classe Hospitalar.

O MEC (2002) traz uma publicação sobre a classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar, que trata das estratégias e orientações para esta prática: tem direito ao atendimento escolar, os alunos do ensino básico internados em hospital, em sérvios ambulatoriais de atenção integrada à saúde ou em domicílio; alunos que estão impossibilitados de frequentar a escola por razões de proteção à saúde ou segurança, abrigados em casas lar e residências terapêuticas.

O tratado de Salamanca que surgiu após a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, realizada nos dias 7 e 10 de junho de 1994, na cidade espanhola de Salamanca, tratou de princípios, políticas e práticas sobre necessidades educacionais especiais. A questão central da Declaração de Salamanca discorre sobre a inclusão de crianças, jovens e adultos, com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino.

As orientações da Conferência e sugestões para ações em nível nacional são organizadas das seguintes formas:

* Política e organização;
* Recrutamento e treinamento de educadores;
* Serviços externos de apoio;
* Áreas prioritárias;
* Perspectivas comunitárias;
* Requerimentos relativos a recursos.

Esse conjunto de recomendações e propostas da Declaração de Salamanca é guiado pelos seguintes princípios:

* Independente das diferenças individuais, a educação é direito de todos;
* Toda criança que possui dificuldade de aprendizagem pode ser considerada com necessidades educativas especiais;
* A escola deve adaptar–se às especificidades dos alunos, e não os alunos as especificidades da escola;
* O ensino deve ser diversificado e realizado num espaço comum a todas as crianças.

A Declaração de Salamanca repercutiu em vários países de forma significativa, sendo incluída nas políticas educacionais brasileiras. Por isso, o atendimento a crianças e adolescentes hospitalizados é um direito de todos, pelo tempo que estiverem afastadas ou impedidas de frequentar uma escola, seja por dificuldades físicas ou mentais, por um longo ou curto período de tempo. E assim, esperamos que estas leis e recomendações possam ser cumpridas e validadas não só na teoria como é exposta.

**3.3 Formação do Pedagogo e sua importância no ambiente hospitalar**

A formação do pedagogo, assegurada em lei, acontece em cursos de licenciatura plena em pedagogia. Destaca-se a deliberação do Conselho Estadual de Educação (CEE, 05/00) que dispõe que os professores de classes hospitalares devem ter habilitação para docência, como também especialização adquirida conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), n. 9394, de 1996.

A criança hospitalizada deve ser olhada em sua totalidade, mediante suas ações no que se referem à postura ética de respeito ao próximo e aos seus limites no contato com o novo (NASCIMENTO; FREITAS, 2010, p. 30). Ou seja, o pedagogo tem o objetivo de correlacionar o seu trabalho com os demais envolvidos nos hospitais, buscando melhores resultados e estabelecendo assim uma pratica pedagógica mais humana.

O papel do pedagogo no ambiente escolar é estimular e preparar o aluno/paciente a estudar e frequentar o ambiente escolar de forma mais prazerosa, pois é seu direito gozar de boa saúde, receber e ter direito a escolarização, independente de qual seja a sua situação.

De acordo com Matos e Muggiati (2001), o pedagogo exerce uma função muito relevante na formação do ser humano, independentemente de suas circunstâncias. Seja em uma escola regular ou hospitalar, o papel do professor é estimular esse aluno a enfrentar esses desafios, ou seja, o período de internação e a própria enfermidade.

É indispensável a intervenção do pedagogo na prática educacional hospitalar para que a criança enferma não fique prejudicada nos seus estudos, pois

[...] para a pessoa hospitalizada, o tratamento de saúde não envolve apenas os aspectos biológicos da tradicional assistência médica à enfermidade. A experiência de adoecimento e hospitalização implica mudar rotinas, separar-se de familiares, amigos e objetos significativos; sujeitar-se a procedimentos invasivos e dolorosos e, ainda, sofrer com a solidão e o medo da morte – uma realidade constante nos hospitais (MEC/SEESP, 2002, p. 10).

Os profissionais que atuam no ambiente hospitalar desempenham um papel importante na vida dos educandos, na medida em que buscam estabelecer relações entre conteúdos escolares, trazendo para realidade, fazendo valer os direitos e deveres sociais (MATOS; MUGGITI, 2001, p. 113).

Os educadores que atuam no processo educativo necessitam estar preparados emocionalmente para lidar de forma afetiva e criar vínculos com essas crianças, o que muitas vezes não é fácil (ORTIZ; FREITAS, 2005, p. 78). No contexto hospitalar, o trabalho do pedagogo, como o trabalho de outros profissionais, busca entender a criança doente em todos seus aspectos. Sua ação se desenvolve juntamente com os médicos, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos, fonoaudiólogos e outros que ali atuam, levando em consideração fatores como o afetivo, o psicológico, o social e o cultural, da criança e não apenas o físico e o biológico.

O atendimento pedagógico/educacional procura adaptar a essas crianças e adolescentes situações práticas de envolvimento que, além de permitir que prossigam aprendendo e se desenvolvendo no hospital, possam também amenizar a carência afetiva e os seus efeitos, causados pelo afastamento da família e dos amigos. De acordo com Matos e Muggiati (2009):

Os profissionais de saúde no processo de cuidado e tratamento do paciente/aluno relatam que a criança que recebe algum tipo de atenção educacional durante o internamento tende a ser mais receptiva, calma e realiza as tarefas terapêuticas com disposição, o que auxilia em sua recuperação (MATOS, 2009, p. 43).

O papel do pedagogo é muito importante, uma vez que ele vai interagir com a criança, levando o conhecimento escolar até ela, de acordo com as suas especificidades e procurando tornar esse aprendizado mais dinâmico e interessante. O profissional da educação atuante no contexto hospitalar, precisa ter a consciência dos traumas e medos apresentados pela criança que se encontra hospitalizada. É necessário que, antes de iniciar seu trabalho, o profissional conheça qual é o contexto familiar que esse educando está inserido e se ele já estuda (CASTRO, 2009, p. 37).

Matos e Muggiti (2009) afirmam:

Sendo assim, a assistência pedagógica, na hospitalização, sugere uma ação educativa que se adapta às manifestações de cada criança/adolescentes, em diferente circunstância, nos enfoques didáticos, metodológicos, lúdicos e pessoais. Neste sentido, ela apresenta, em todos os momentos, um alto grau de flexibilidade e adaptabilidade às estruturas (MATOS; MUGGITI, 2009, p. 68).

Perante essa afirmação constatamos que o conhecimento do contexto escolar é necessário para colocar o trabalho em prática. Para começar seu trabalho com esses educandos, o primeiro passo é ver se o aluno está matriculado na escola, pois é preciso manter trocas de informações com a instituição de ensino.

**3.4 A contribuição do lúdico no processo de aprendizagem**

A educação visa transformar o ambiente hospitalar, tornando esse ambiente mais lúdico, criativo, alegre e descontraído, possibilitando dar continuidade ao conhecimento sistematizado. A aprendizagem hospitalar tem sentido terapêutico, beneficiando e contribuindo para a elevação da autoestima, aliviando o sofrimento das crianças e adolescentes hospitalizados. Sendo o afeto e a atenção fatores principais para o desenvolvimento do saber, de suma importância no processo de ensino-aprendizagem.

O profissional que atua no contexto hospitalar precisa ter sensibilidade, compreensão, criatividade, persistência, para alcançar seus objetivos. Além de ter um trabalho importante, ele atende as necessidades psicológicas e sociais pedagógicas das crianças/adolescentes. Deverá por certo, elaborar projetos que integrem a aprendizagem de maneira que atenda cada criança hospitalizada, resgatando-as assim ao contato educacional, de maneira que as mesmas se esforcem e participem das atividades desenvolvidas pelo pedagogo responsável por ele nesse processo (WOLF, 2011, p. 72).

O pedagogo deverá ter a capacidade criativa de propor atividades que incentivem o esforço do educando, mesmo que este se encontre em um contexto de enfermidade. Como exemplo, o brincar que é uma forma de procedimento natural da criança, pois, enquanto brinca, ela desloca a sua atenção da dor e sofrimento para uma outra circunstância de prazer e alegria que pode aliviar a sua aflição.

A hospitalização escolarizada acontece em um espaço temporal diferenciado, onde as condições em que ocorre a aprendizagem fogem da rotina escolar da criança/adolescente. Matos e Muggiati (2009), dizem que:

A condição da aprendizagem, em situação que difere do cotidiano de uma escola formal, requer uma visão mais ampla do profissional, demandando praticas pedagógicas que superem a ortodoxia dos processos atuais (MATOS; MUGGIATI, 2009, p. 115).

Para tanto, a construção da prática pedagógica requer uma atuação diferenciada, onde o pedagogo considere o todo e seja capaz de refletir sobre suas ações, oferecendo aos seus alunos/pacientes condições para que ocorra aprendizagem, de acordo com a sua situação. Por isso há uma grande necessidade dos hospitais fazerem com que esse ambiente seja agradável, que não contenha somente recursos materiais hospitalares, mas que apresente um cenário apropriado com cadeiras, mesas, mural interativo e que as paredes dos quartos tenham cores alegres. E

Que os profissionais utilizem recursos pedagógicos como fantoches, livros, revistas, músicas, jogos, desafios, fantasias e outras modalidades dos aspectos físicos, materiais e humanos. Tudo isto compõe um ambiente conforme as necessidades e metas a serem desenvolvidas, para que propicie um lugar com espaço alegre, onde ocorra um aprendizado com eficiência. (WOLF, 2011, p. 80).

É preciso que os hospitais se empenhem para tornar o ambiente hospitalar em que se encontra o educando mais semelhante ao ambiente escolar, tornando-o mais agradável e apropriado e disponham de materiais diversificados que estimulem a aprendizagem.

O profissional precisa planejar as suas atividades, bem como usar a criatividade para inovar as suas práticas pedagógicas.

Esse pedagogo hospitalar precisa ir além, buscar novos métodos, recursos didáticos-pedagógicos que despertem na criança e no adolescente a vontade de interagir, de aprender, de sociabilizar e entender que mesmo estando em um hospital, eles são capazes de adquirir novos conhecimentos. E por mais básico que seja o processo de ensino-aprendizagem, este fornece a esses indivíduos forças para lutar e enfrentar esse momento difícil. (WOLF, 2011, p. 91)

A prática do pedagogo hospitalar deve transcender à experiência escolar e alcançar níveis diferentes da educação. Educação essa, que visa um conjunto de ações, processos, influência, estruturas, que intervêm no processo do desenvolvimento cognitivo e humano dos indivíduos (WOLF, 2011, p. 97).

O profissional desta área não deve se intimidar diante das barreiras apresentadas dentro do ambiente hospitalar, pois as mesmas não permitem que se desenvolva um trabalho de maneira diferenciada, como é necessário.

Assim:

Educar é considerado um processo global que envolve o todo em sua totalidade, um processo que ocorre em qualquer espaço físico, com diferentes atores, empenhados em converter esse momento de dor e hospitalização em múltiplas formas de aprendizagem. Para tanto, o papel do pedagogo torna-se muito importante na vida dessa criança/adolescente hospitalizado (MATOS; MUGGIATI, 2001, p. 142).

A educação hospitalar poderá transformar esse ambiente de dor e angústia em várias possibilidades de aprendizagem.

**4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do que foi exposto podemos afirmar que a pedagogia e o pedagogo devem ser considerados como partes importantes no processo de continuidade da educação formal, mesmo no contexto da educação hospitalar.

Quanto à questão da formação do educador que está inserido no contexto da educação hospitalar, é preciso que se diga que tanto o estudo acadêmico das teorias pedagógicas, como um relativo conhecimento das questões médicas, são importantes. Esta formação mais ampla se justifica pela especificidade dos alunos que estão em tratamento hospitalar e que precisam, além das questões pedagógicas, assistência de cunho médico.

Pela análise do papel do pedagogo neste contexto, conclui-se que o professor deve assumir sua posição de docente, sem perder de vista o aspecto da humanização do processo educativo. Esta humanização implica, dentre outras coisas, na consideração dos limites físicos que a enfermidade pode impor sobre as crianças e as implicações desta realidade no processo ensino-aprendizagem.

Por fim, quanto ao trabalho realizado em um contexto interdisciplinar, conclui-se que esta realidade abre portas significativas para um aprendizado dinâmico e repleto de possibilidades, onde a contextualização se faz necessária.

**REFERÊNCIAS**

AROSA, Armando C, SCHILKE, Ana Lúcia. **A escola no Hospital:** espaços de experiências**.** Niterói: Ed. Intertexto, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. 21 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial.** Brasília, DF. (1994)

CASTRO, Marleisa Zanella de. **Escolarização Hospitalar: desafios e perspectiva.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ESTEVES, Cláudia R. **Pedagogia Hospitalar: um breve histórico**. Disponível em <http://www.santamarina.g12.br> Acesso em: 12 maio. 2016.

FONSECA, Eneida Simões da. **A Situação Brasileira do Atendimento Pedagógico Educacional Hospitalar. Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 25, n. 1, p. 117-129, jan./jun. 1999.

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar.** São Paulo. Memnon, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogiae Pedagogos:Inquietações e buscas. **Educar.** Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos para quê?** São Paulo: Cortez, 2012.

LIMA, L. C. **“Formação e aprendizagem ao longo da vida: entre a mão direita e a mão esquerda de Miró”**. In AAVV, Cruzamento de Saberes. Aprendizagens sustentaveis. Lisboa: Fundação calouste Gulbenk an, pp. 129-148. (2003).

MATOS, Elizete Lúcia Moreira (Orgs.). **Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis, RJ: Vozes,2009.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGGIATI, Margarida M. Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar.** Curitiba: Champagnat, 2001.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde.** 4. ed. Rio de Janeiro. Vozes, 2009.

MEC/SEESP. **Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar – estratégias e orientações**. Brasília:MEC/SEESP, 2002.

NASCIMENTO, Cláudia Terra do; FREITAS, Soraia Napoleão**. Possibilidade de atenção à aprendizagem infantil em contexto hospitalar.** Curitiba: Champagnat, 2010.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles; FREITAS, Soraia Napoleão. **Consideração acerca da inclusão escolar de crianças pós- hospitalizadas.** Disponível em: <<http://www.ufsm.br/ce/>> Acesso em 12 de maio de 2016.

PAIVA, Jacyara Silva de. **Educação de rua.** São Paulo. Papirus, 2011. Disponível em:

<<http://www.psicopedagogia.com.br/opiniao/opiniao.asp?entrID=396>> Acesso em 12 de maio de 2016.

REZENDE, Lucinea Aparecida de. **Tramando temas na educação.** Londrina. Ed. UEL, 2011.

UNESCO. Declaração de Salamanca. **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em 12 de maio de 2016.

WOLF, R. A. P. **Pedagogia Hospitalar:** A prática do pedagogo em instituição não escolar.São Paulo. Vozes, 2001.